

GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação**A MULHER NA LITERATURA: REVISITANDO A CONDIÇÃO SOCIAL
FEMININA**Ana Paula Mendes Silva (UFRN)¹Maria Arisnete Câmara de Moraes (UFRN)²**1 BREVE HISTÓRICO DA VIDA PATRIARCAL NAS CASAS-GRANDES DAS
FAZENDAS**

Nos dias atuais as mulheres vêm ocupando espaços significativos em todos os setores sociais: na educação, na saúde, nas empresas, no esporte, na construção civil, na política. A mulher contemporânea vem conquistando requisitos e características que fazem a mudança no paradigma que perdurou durante séculos: a boa mãe, católica, submissa as ordens do pai ou marido.

Fazendo uma análise das relações sociais existentes no Brasil, percebemos que estas se constituíram de acordo com o tipo de sociedade, em cada contexto histórico. Dessa forma, para uma formação colonial e agrária como fora o Brasil patriarcal, alguns personagens, típicos humanos, eram respeitados e possuíam certa supremacia perante os demais, seja pela cor, pela classe social a que pertencia, pelo cargo que ocupava (intelectual ou manual) ou pelo gênero. Outros, porém, viviam em regime de submissão, destacando-se entre estes, as mulheres, cuja ascensão social e a busca por melhores condições nos propomos a analisar a

¹ Professora da Universidade Estadual da Paraíba, campus I, Campina Grande - PB, Departamento de Educação. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus I, Natal – RN.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus I, Natal – RN; Coordenadora do Grupo de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais.

partir de reflexões descritas nas narrativas de alguns autores literários, bem como, em algumas narrativas de Gilberto Freyre (2004).

Mesmo que a sociedade tenha passado por várias etapas de desenvolvimento econômico, na contemporaneidade, de economia capitalista, a forte presença das empresas multinacionais e o impacto das novas tecnologias, ainda percebemos que as questões de gênero carregam estereótipos que, por vezes, subestimam a atuação da mulher. Entretanto, no passado, sobretudo numa sociedade patriarcal, os estereótipos aconteciam de forma mais acentuada e naturalizada.

A título de exemplo, no século XIX, as meninas das casas grandes, desde cedo, aprendiam a se comportar de acordo com as regras impostas pela sociedade. Dessa maneira, eram impedidas de saltar, brincar e correr como os meninos, uma vez que a condição social feminina não permitia a elas, vivenciar a infância com a liberdade de uma criança, mas com um aspecto social de preparação para a vida da mulher adulta. Enquanto sinhozinhos tinham de vestir-se de acordo com a moda da época, um figurino cheio de exageros imitando-se, assim, a moda usual na Europa.

Num contexto social em que as maiores preocupações estavam na economia e na política, a educação escolar era praticamente, inexistente. Destacavam-se apenas, os casos em que os filhos dos patriarcas, herdeiros das fazendas, iam bacharelar-se na Europa. As mulheres, entretanto, ficavam a margem desse tipo de educação, restando-lhes o casamento enquanto “futuro promissor”, cujo esposo, na maioria dos casos, deveria ser escolhido por sua família, utilizando como critério, o interesse econômico.

Embora as ideias de liberdade e renovação dos modos de vida da mulher já se fizessem presentes na Europa e, de certa forma, no Brasil, através dos bachareis que concluíam os estudos, estas ideias ficavam restritas, consequência acentuada diferenciação entre os sexos. A ideia de uma educação escolar voltada para as mulheres era quase que descartada, visto que, a essência feminina tinha de ser o matrimônio, considerado sagrado e indissolúvel e a maternidade, própria da mulher, destino que devia ser seguido por todas.

As concepções e formas de educação das mulheres nessa sociedade eram múltiplas. Contemporâneas e contrárias, elas estabeleciam relações que eram também atravessadas por suas divisões e diferenças, relações que poderiam revelar e instituir hierarquias e proximidades, cumplicidades ou ambigüidades. [...]. Na opinião de muitos não havia porque mobilizar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social

de educadora dos filhos ou na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos. (LOURO, 2012, p. 446)

Logo, a mulher religiosa, elegante e bem comportada, embora ignorante no Brasil, foi a que predominou na sociedade patriarcal. Com exceção de uma minoria das casas-grandes e sobrados que foram, gradativamente, se instruindo, através das aulas de literatura, piano, canto e francês. Muito mais para impressionar os cavalheiros pretendentes ao casamento, essas aulas, muitas vezes serviam para ocupação enquanto o noivo estivesse estudando fora ou para suportar a solidão nas ausências do marido. A condição imposta à mulher atenuava a pouca participação dela em espaços públicos o que, segundo Freyre, (2004, p. 224), nessa época “se pode atribuir a pouca ou nenhuma intervenção da mulher naquelas zonas de atividade política e artística”, atenuando a visão preconceituosa de sexo frágil.

2 A URBANIZAÇÃO E O PATRIARCALISMO NO SÉCULO XIX: A MUDANÇA NO COTIDIANO DAS MULHERES

No século XIX, o Brasil vivenciava um período de transição influenciado pelas ideias iluministas enfatizadas pelos bachareis e pelos produtos da Revolução Industrial, cada vez mais ligados a ideologia do consumo. Os fazendeiros de café começam a abandonar as casas grandes e vão morar nos sobrados das cidades, talvez por influência de algum genro bacharel. Nesse contexto de mudança de uma sociedade agrário exportadora para urbano industrial, os costumes tradicionalmente secularizados vão, gradativamente, sendo substituídos, sobretudo nos cotidianos femininos.

Embora a mulher do sobrado tivesse a mesma solidão que a mulher da casa grande, existia uma diferença entre a inacessível casa grande e o sobrado. O sobrado geralmente possuía várias janelas, o que facilitava para a mulher, o contato com a rua e, conseqüentemente, com os rapazes que passavam. Assim, o acesso aos transeuntes significava uma mudança importante para as mulheres antes recatadas nas casas grandes das fazendas. Além disso, as cidades cada vez mais urbanizadas tinham lojas, cabeleireiros, teatros, médicos de família, elementos que, juntando-se a literatura, foram insígnias de um novo tempo: a urbanização.

Se na primeira metade do século XIX a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa; se sua existência transcorria, quase sempre, na casa paterna e, por extensão, na casa do marido; na marcha gradativa do tempo, esses costumes modificam-se na segunda metade do século XIX. (MORAIS, 2002, p. 59)

Essa mesma autora enfatiza a leitura de mulheres como uma característica relevante no século XIX. Para ela, pouco a pouco as mulheres se apropriavam das leituras que circulavam garantindo não apenas espaço de leitura, mas poderes sobre um grupo social em formação. (Ibid, 2002)

Nos sobrados, a leitura de romances tornou-se cada vez mais freqüente, pois a mulher da cidade teve mais acesso a educação escolar, sobretudo, por causa de seu ingresso na Escola Normal. A Escola Normal foi para a mulher, uma saída da condição social a que estava submetida. Mesmo assim, essa mulher deveria ser aquela que não fugisse de seu destino natural de ser esposa e mãe. Muitas tiveram o magistério como uma profissão, uma diferenciação da submissão naturalizada. Sobre esse aspecto Almeida (1998, p. 37) enfatiza:

[...] a possibilidade de profissionalizar-se, via magistério primário, era um meio de as mulheres poderem vislumbrar uma chance de sustento sem a obrigação do casamento ou a humilhação de viver da caridade alheia. Como o cuidado com crianças não fugia à maternagem, o magistério representava a continuação de sua *missão*, nos moldes propostos pelos positivistas e higienistas no século XIX e de acordo com o imaginário social acerca do papel feminino.

O magistério proporcionou o acesso aos livros, aos romances, as obras literárias muitas vezes proibidas pela má influência. Assim como os produtos europeizados eram consumidos em larga escala, como os vestidos e chapéus, a literatura passou a ser um produto de consumo, principalmente das mulheres e estudantes.

Os estudantes e as mulheres serão a base do novo público. Era a perspectiva de libertação que encontravam. Os primeiros estudavam quase sempre distantes da vigilância do poder paterno e gozavam, por essa razão, de uma situação de maior tolerância. E, através da literatura, descobriam ou construíam pela imaginação um mundo mais amplo e humano do que aquele da pequenez provinciana por onde circulavam. As mulheres começavam a sair da reclusão doméstica da sociedade patriarcal e iniciavam-se na vida dos aloés; além de boas maneiras, boa aparência e vestidos atraentes, deveriam também exibir cultura, a ser adquirida, sobretudo nas novelas dos folhetins. (ABDALA & CAMPEDELLI, 1986, p. 55)

Assim, as mulheres dos sobrados, além das janelas, tinham o contato noturno com a rua, através das idas freqüentes a teatros, saraus e do consumo de roupas luxuosas com um tanto de exagero nos enfeites. Entre as características da nova sociedade, as idas das mulheres ao teatro causavam rumor entre os que ainda conservavam as convenções sociais impostas.

Nesse sentido, Freyre (2004, p. 226) destaca a figura do padre mestre Lopes da gama, crítico ferrenho dos novos modos de vida da mulher, frutos da urbanização.

Essa dona de casa ortodoxalmente patriarcal, o padre Lopes da gama não se conformava que, nos princípios do século XIX, estivesse sendo substituída nos sobrados e até em algumas casas grandes de engenho, por um tipo de mulher menos servil e mais mundana; acordando tarde por ter ido ao teatro ou a algum baile; lendo romance; olhando a rua da janela ou da varanda; levando duas horas no toucador “a preparar a charola na cabeça”; outras tantas horas no piano, estudando a lição de música; e ainda outras, na lição de francês ou de dança. Muito menos devoção religiosa do que antigamente. Menos confessorário. Menos conversa com as mucamas. Menos história da carochinha contada pela negra velha. E mais romance. O médico de família mais poderoso que o confessor. O teatro seduzindo a mulher elegante mais que a igreja. O próprio “baile mascarado” atraindo senhoras de sobrado.

No entanto, cabe ressaltar que, embora freqüentassem bailes, teatros e consumissem roupas e leituras, pouco ou quase nada se percebe da participação da mulher na vida pública, na literatura, na política ou nos negócios do marido. Foi nesse mesmo ambiente composto por tensões e contradições que, gradativamente, a mulher vai se tornando editora, redatora ou colaboradora de jornal, divulgando, aos poucos, suas produções literárias. Foi por meio dos jornais que as mulheres, “conclamavam suas leitoras a expor suas ideias, a produzir literatura.” (MORAIS, 2002, p. 69)

Nas obras literárias da época era a mulher de diversas formas, representada. E é sobre um pouco dessa literatura, que enfatizaremos a seguir.

3 A REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS OBRAS LITERÁRIAS

A literatura que, aos poucos, vai sendo apresentada no século XIX, configura, em sua grande maioria, os aspectos sociais vigentes. Trata-se de romances de ficção cujas narrativas vão sendo extraídas de diversos contextos, configurando uma sociedade. Para Chartier, (1990, p. 27) são “configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço.” No que tange as mulheres, estas vão sendo representadas nas personagens e aos poucos, vão se tornando leitoras desses romances que, diga-se de passagem, vão se identificando e tomando gosto. “Daí o romance transformar-se em um gênero literário dos mais desejados, dos mais consumidos.” (CAMPEDELLI, 1997, p. 91)

Os romances escritos pela figura masculina eram idealizadores do sexo frágil, cujas expressões “pálida”, “magra” impressionavam os leitores (e as leitoras) da sociedade patriarcal. A idealização da mulher ganha significado, principalmente da mulher da casa –

grande, que muitas vezes, sobre a clausura do pai, raramente saía de casa. “Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente, em atividades ligadas às atividades da Igreja [...]”. (LOURO, 2012, p. 446)

As idealizações da mulher na literatura brasileira influenciavam a discussão sobre o casamento. O casamento era discutido pelo pai, que optava em alguns casos, por tios ou primos, no sentido de preservar a situação financeira da família. Essa opção também se dava devido ao crescente número de jovens mulatos que, na época, também se bacharelavam na Europa. Eram filhos de fazendeiros com escravas ou escravas alforriadas que, ajudados pelo pai, se formavam bachareis. Outros ainda eram afilhados de pessoas influentes na sociedade – fazendeiros, políticos, padres – que herdava a sorte de serem educados com fidalgos.

Aos poucos, a literatura vai dando margem aos romances de ficção proibidos. De acordo com Campedelli, (1997, p. 12) “a literatura tornou-se uma ponte para um mundo estranho, misterioso e invisível”. Essa estranheza de que trata a autora refere-se ao não cumprimento das regras preestabelecidas no que tange as mulheres da sociedade patriarcal, mulheres que não tinham o direito de casar-se com quem se apaixonavam, refugiando-se nas leituras de romances que davam certo nas obras literárias. Em meados do final do século XVIII, as obras literárias voltam-se:

[...] ao ideal de pureza do amor, junto a noção dos direitos do coração, o que, freqüentemente, vai de encontro aos valores sociais e morais. Nesse caso, chega-se mesmo a defesa do amor livre de conveniências ou convenções, só justificado perante Deus [...]. (CASTELLO & CÂNDIDO, 1974, p. 52)

Antes desses ideais chegarem ao Brasil, no final do século XVIII, foram difundidos na Europa os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, advindos da Revolução Francesa. Os profissionais liberais, sobretudo os que vinham da Europa, traziam esses ideais que, inéditos no Brasil, deram outro significado a literatura e, conseqüentemente, a vida das mulheres. Perante o prestígio das profissões liberais que exerciam os bachareis, aos antigos fazendeiros de café, só restou a fama de “matutões atrasados”. (FREYRE, 2004)

Em Eurico, o presbítero, romance de 1844 em Portugal, Alexandre Herculano, após pesquisa, narra a história de um jovem rapaz que, prometido ao sacerdócio, ainda amava uma moça. Por causa de uma invasão árabe, Eurico transforma-se em cavaleiro negro, abandona o hábito e salva a amada que fora raptada pelas tropas, renascendo assim, o antigo amor.

Em 1862, em Lisboa, Camilo Castelo Branco publica Amor de Perdição, baseado em sua vida, pelo fato de ter um amor proibido. A jovem por quem se apaixonara e era

correspondido, já era prometida, porém, recusara o futuro marido. Assim, é mandada para um convento, a fim de esquecer o homem que amava. O personagem de amor proibido é preso e exilado do país após agredir o marido prometido pelo pai da moça.

Entre as histórias de amor proibido, tinha destaque a idealização da mulher. As mulheres eram endeusadas e, aludindo à realidade da época, destacavam-se entre as heroínas, virgens pálidas e belas, cheias de adereços nos vestidos, nos cabelos que faziam os poetas suspirarem com tanta beleza e romance, os cavalheiros. Ainda que, com vida breve, Azevedo (1996, p. 15), em *Lira dos Vinte Anos*, autor de virgens pálidas e inacessíveis, assim descreve em *Soneto*:

Pálida à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era a mais bela! Seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti - as noites eu veleí chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!

Na mesma linha de romances idealizadores da mulher, também o poeta Castro Alves, em *Espumas Flutuantes*, de 1870, faz alusão a pálida donzela também acompanhada de erotismo, como nos versos do capítulo *Mocidade e Morte*.

[...]

Morrer... quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cisne de douradas plumas:
Não! O seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar à tona das espumas.
Vem! formosa mulher — camélia pálida,
Que banharam de pranto as alvoradas,
Minh'alma é a borboleta, que espanja
O pó das asas lúcidas, douradas...

Conforme percebemos, a idealização da mulher branca, da burguesia enfatizava nos versos a branquitude, que era insígnia de uma classe social dominante. Essa idealização, no entanto, vinha acompanhada de certo erotismo, acentuado pelos autores ao citar, por exemplo,

partes íntimas da mulher, alcovas, formas de dormir, intimidades antes vistas ou comentadas apenas pelo pai ou marido.

Algumas poesias de idealização da mulher tinham um caráter ambíguo: ora enfatizava a sensualidade feminina, ora colocava a mulher como um anjo. Nos setores mais conservadores da sociedade, entre eles, as senhoras casadas e entregues a submissão do marido, dos padres, dos pais, essa leitura não era bem vista ou recomendada, como enfatiza Freyre (2004, p. 2049):

Bem dizia em 1885 Dona Ana Ribeiro de Góis Bettencourt, ilustre colaboradora baiana do Almanaque de lembranças luso-brasileiro, alarmada com as tendências românticas das novas gerações – principalmente com as meninas fugindo de casa com os namorados – que convinha aos pais evitar as más influências junto às pobres mocinhas. O mau teatro. Os maus romances. As más leituras [...] que podem seduzir a uma jovem inexperiente, levando-a a querer imitar esses tipos inconvenientes na vida real.

As ideias e os romances publicados na Europa influenciaram os namoros proibidos no Brasil. As mulheres da casa grande e sobrado, agora mais instruída por ter tido acesso a educação, conseqüentemente, a leitura e escrita eram encorajadas a fugir do controle autoritário exercido pelo pai, na busca de uma paixão incontrolável que sentia pelo pretendente proibido. Dessa forma, os romances em forma de folhetins, acabaram sendo preferência, poisas pessoas, principalmente as mulheres, liam a cada dia, uma parte publicada que circulava geralmente nos jornais.

O **folhetim** (do francês *feuilleton*, folha de livro) é uma narrativa literária, seriada dentro dos gêneros prosa de ficção e romance. Possui duas características essenciais: quanto ao formato, é publicada de forma parcial e sequenciada em periódicos (jornais e revistas); quanto ao conteúdo: apresenta narrativa ágil, profusão de eventos e ganchos intencionalmente voltados para prender a atenção do leitor. (MEYER, 1996, p. 12-grifo da autora)

Aos poucos, vão surgindo narrativas de mulheres não mais tão submissas, baseadas na mulher sedução, na mulher corruptora, na mulher que não é apenas o sexo frágil e sim, a mulher forte, que, mesmo amando, é capaz de vingar-se pelas mágoas que traz. É o caso do romance *Senhora* de José de Alencar em que a personagem Aurélia se vinga do seu marido, embora o amasse, por ter sido trocada por outra, em função de um dote. Casos, como o do romance de Alencar, não foram raros.

Com a abolição da Escravatura, em 1888, o aumento de pessoas de todas as classes sociais nos grandes centros urbanos, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, tornou-se cada vez maior. Assim, ao lado dos luxuosos sobrados das famílias nobres, começaram a

surgir também os casebres, os cortiços, os mucambos, os sobrados que abrigavam diversas famílias. De acordo com Campedelli, (1997, p. 157) “[...] p progresso definitivo das cidades, a industrialização, o avanço das ciências e o florescimento das novas correntes filosóficas criaram um ambiente hostil ao sentimento romântico”.

A série de acontecimentos sociais, econômicos e políticos propiciaram o surgimento de ideias novas que, para Romero, eram “vindas de todos os pontos do horizonte”. Essas ideias que era, em sua maioria, anti-românticas, anti-clericais, anti-moralistas e anti-burguesas são enfatizadas na Europa, a partir de uma exposição de Courbet, na França, quando mostrou a realidade dos camponeses, além de outras pinturas da vida moderna. Com essa efervescência, surge um novo tipo de mulher, menos submissa, mais mundana.

A mulher matriarca, em substituição ao patriarcalismo, a mulher que era pai e mãe ao mesmo tempo, que cuidava dos negócios da casa e dos filhos sozinha, por ser mãe solteira, viúva ou em casos mais ousados, as que saíam do casamento por decepção amorosa. Para esse tipo de mulher, surge uma nova literatura, que não se prende mais as idealizações, as convenções e ao casamento e sim, as questões do cotidiano, com os problemas da realidade.

Em 1878, Eça de Queirós, lança *O primo Basílio*, exibindo um novo comportamento feminino. Na obra, a personagem Luísa casara-se com Jorge, embora não o amasse e nas ausências do marido, torna-se amante de seu primo Basílio, um ex - namorado. A criada Juliana acaba descobrindo a traição e passa a chantagear a patroa.

Na referida obra, Luísa, mesmo sendo romântica e sonhadora e tendo se casado por convenções sociais, não aguentara a solidão e entregara-se a paixão que ainda nutria pelo ex - namorado, caracterizando um novo tipo de mulher dos romances de agora. Mulheres que, embora tivessem a característica de submissão a convenções impostas, tinham também, a coragem de modificar situações difíceis, de entregar-se aos desejos e as vontades. Assim, “[...] a arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas [...]”. (QUEIRÓS, 1968, p. 45)

Machado de Assis foi exímio escritor que retratava este tipo de mulher: sem a fragilidade da mulher romântica. As mulheres da ficção machadiana eram sensuais, astuciosas, como bem coloca Campedelli, (1997, p. 196)

Machado via a mulher como um ser dominador. Nesse sentido, preocupou-se, por exemplo, em denominá-las com nomes bastante sugestivos: Capitu, sugerindo a idéia de capitã, de comandante; Sofia, sugerindo a idéia de sabedoria; Iaiá sugerindo a idéia de patroa.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra que começa do fim ao início da vida do personagem, Machado enfatiza, além de outras mulheres, a figura de Marcela, prostituta de luxo que explora Brás Cubas, o personagem protagonista, até quase conquistar todos os seus bens. No capítulo XIV, intitulado *O primeiro beijo*, ele assim a descreve:

[...] Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que não lhe permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes [...]

Em *Quincas Borba*, de 1891, Machado de Assis retrata a história de Sofia, mulher casada com Palha, que aceita os galanteios de Rubião, a mando de seu marido, para usufruir de vantagens financeiras.

Porém, o romance mais célebre do autor, trata-se de *Dom Casmurro*, em que narra a figura de Capitu, com “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (ibid, 1991, p. 65). Na obra, Capitu é casada com Bentinho, cujo filho chama-se Ezequiel. No dia do velório de seu melhor amigo Escobar, Bentinho acha estranha a forma de Capitu contemplar o cadáver, o que precipita a possibilidade de Ezequiel não ser seu filho. No capítulo CXXIII, intitulado *Olhos de ressaca*, o autor assim descreve a atitude de Capitu no velório de Escobar: “[...] a confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não lhe admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas [...]” (1978, p. 112)

Fazendo uma análise dos romances citados, se percebe não mais a idealização da mulher em forma de anjo, de virgem, de deusa, mas um tipo de mulher mais voltada para a realidade. A mulher, por vezes, adúltera, de sentimentos aflorados e desejos não contidos, ainda que fosse em função do dinheiro. Esses tipos de mulheres também fizeram parte da sociedade brasileira da época e com a decadência do patriarcalismo, são cada vez mais enfatizadas nas literaturas lidas. A respeito desse tipo de mulher nas narrativas da literatura, Queirós (1968, p. 45), fala:

[...] desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar [...].

Embora tenham saído das narrativas dos quadros românticos e adquiridomais determinação em busca de suas vontades, as mulheres continuaram em situação de inferioridade perante o homem. Nesse sentido, Freyre nos fala a respeito de preconceito de

sexo cuja libertação foi muito mais tardia que o preconceito de raça. Em sua concepção, a mulher continuava sendo “sexo fraco. Belo sexo. Sexo doméstico. Sexo mantido em situação toda artificial para regalo e conveniência do homem, dominador exclusivo dessa sociedade meio morta. (FREYRE, 2004, p. 245)

A respeito desse domínio de gênero, enfatizado por Freyre, é bem verdade que, mesmo atendendo aos desejos proibidos, algumas mulheres (a maioria), continuavam submissas aos homens, pela força que ainda exerciam. Machado de Assis, embora demonstrando em seus romances, as astúcias femininas, também destacou a dominação exercida ainda pela supremacia masculina. Nessa situação, a título de exemplo, encontramos a personagem Conceição, do conto *Missa do Galo*. Conceição sabia que seu marido usava as idas ao teatro como desculpas para encontrar-se com a amante. Percebe-se, na parte a seguir, relatada pelo personagem Senhor Nogueira, a submissão de Conceição ao marido:

Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito. (MACHADO DE ASSIS, 1963, p. 12)

3.1 REPRESENTAÇÃO DE OUTRAS MULHERES NAS OBRAS LITERÁRIAS

Vale destacar que até o presente momento, enfatizamos o cotidiano de mulheres que faziam parte da burguesia, a mulher branca. As mulheres negras ou que tinham sido escravizadas eram consideradas seres inferiores e não tiveram acesso a educação escolar. Não eram raros os casos amorosos de escravas com seus patrões, cujos filhos ou filhas, muitas vezes, eram mulatos.

No entanto, com o crescente fenômeno da urbanização, também as mulatas passam a ser descritas nos romances literários. Se antes os desejos e as idealizações eram ocultos, com a urbanização, cada vez mais, os sentimentos foram se tornando públicos. Em 1844, Joaquim Manuel de Macedo publica *A Moreninha*. No capítulo intitulado O Sarau, ele assim a descreve:

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam por ver qual delas vence em graça, encantos e donaires, certo que sobrepuja a travessa moreninha, princesa daquela festa. (MACEDO, 1844, p. 66)

Percebemos, portanto, nos trechos extraídos, a exaltação feita a moreninha como a moça mais bonita da festa, diferente das louras ou pálidas dos romances de outrora. De acordo com Freyre, (2004, p. 756)

[...] rebentou depois mais livres na poesia do povo, onde tanto se exalta o quindim da mulata ou o dengue da moreninha; e no próprio lirismo dos bacharéis, em cujos versos e romances começaram a aparecer mais moreninhas dengosas do que virgens louras. [...]

Aos poucos, essas mulheres das camadas sociais menos favorecidas foram sendo enfatizadas nos romances e por vezes, valorizadas pela coragem com que enfrentavam as dificuldades sociais, econômicas que a vida difícil lhes impunha. Dessa foram, as mulheres dos cortiços tiveram especial destaque por serem mulheres trabalhadeiras, corajosas, que enfrentavam as dificuldades do ambiente e as circunstâncias sociais para criar seus filhos, sustentarem as famílias. Em muitas narrativas aconteciam, cotidianamente, desavenças, brigas, assassinatos, frutos de “traições” e “rixas”, entre as várias famílias que ocupavam os pequenos espaços nos cortiços.

Nesses casos, algumas mulheres eram vistas como fonte de recursos financeiros, uma vez que, vendiam diversificados produtos nas ruas das cidades e garantiam o sustento da família, chegando, algumas delas, até formarem os filhos bachareis. Esse fator fez surgir não mais o casamento e sim, o amigamento destas com imigrantes que as viam como fonte de ascensão financeira. Assim como aconteceu, em grande escala, o êxodo rural de fidalgos para os sobrados nas zonas urbanas, também ocorreu o aumento de negros e mulatos nos cortiços. Para Freyre, (2004, p. 300)

os mulatos, desde o começo do século começaram a sair em grande número dos ‘quadros’, dos ‘cortiços’, dos ‘mucambos’, onde imigrantes portugueses e italianos mais pobres foram se amigando com pretas ou pardas

Sobre a ascensão financeira que estas mulheres proporcionavam aos imigrantes, o mesmo autor nos fala que:

[...] das pretas, principalmente as minas representarem considerável valor econômico: mãos de lavadeira, de boleira, de doceira, de cozinheira, de fabricante de bonecas de pano, capazes de os auxiliar nas suas primeiras lutas de imigrantes pobres. (ibid, 2004, p. 749)

Nesse sentido, O Cortiço, de Aluísio Azevedo, retrata a história de Bertoleza, escrava negra que é amigada com o português João Romão, ganancioso comerciante que consegue

ascensão financeira à custa de árduo trabalho desta. Sobre seu esforço, Azevedo, (1975, p. 5) assim retrata:

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã, vendia angu, e à noite, peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil réis por mês e, apesar disso, tinha de parte quase todo o necessário para a alforria.

E como quem, em pouco tempo, conseguiu montar um cortiço, com “casinhas para alugar”, João Romão foi se aproximando de Bertoleza, a ponto de amigarem-se e tomar conta de suas finanças.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia era também quem punha e dispunha de seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor vinte mil-réis mensais. [...] (Ibib, 1975, p. 5)

Na sociedade urbana, conforme foi analisado, as mulheres, de modo geral, eram vítimas dos preceitos e convenções da sociedade, porém, as das classes menos favorecidas, por diversas vezes, eram trapaceadas, enganadas e abandonadas pelos pais de seus filhos, sejam eles, imigrantes aventureiros em busca de condições financeiras favoráveis ou ricos senhores que buscavam prazer sexual atribuído as mulatas, fora do normal para aqueles que “desejavam colher do amor físico os extremos do gozo, e não apenas o comum”. (FREYRE, 2004, p. 744)

4 BREVE TENTATIVA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS...

A sociedade brasileira do século XIX veio a se tornar um ícone nesse trabalho por conta das várias transformações que ocorreram, sobretudo, atreladas ao fenômeno da urbanização. As transformações atingiram também as mulheres, principalmente as da segunda metade do século, que puderam desfrutar de possibilidades de maior acesso aos espaços sociais, entre eles, os salões, “verdadeiros espaços de convivência da sociedade.”(MORAIS, 2002, p. 59).Esse trabalho, que pretendeu analisar a condição social feminina, através de obras literárias, certamente, não se esgota aqui. Sabemos que ainda existem muitos romances de ficção que representam à figura feminina e seu cotidiano, no que tange ao acesso a educação, a leitura, à mudança de comportamento que precisam ser apreciados, analisados no

sentido de dar legitimidade a figura feminina que sempre foi colocada em segundo plano, a mercê de uma sociedade patriarcal.

Ainda hoje, percebemos, as diferenças entre os sexos, embora a mulher tenha provado que sua presença é necessária em todos os setores sociais, inclusive em alguns antes ocupados somente pelo sexo masculino. Analisar a condição social da mulher nos romances literários faz parte de um desejo e acima de tudo, de uma reflexão sobre a nossa condição social feminina nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamim; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da Literatura Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ALVES, Castro. Espumas Flutuantes. In: LAJOLO, M.; CAMPEDELLI, S. Y. (org). **Castro Alves**. São Paulo: Abril Educação, 1980. Coleção Literatura comentada.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: FTD, 1991.

_____. **Contos**. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

_____. **Quincas Borba**. São Paulo: FTD, 1992.

_____. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 1978.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Ática, 1975.

_____. **O mulato**. Rio de Janeiro: Agir, 1945.

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Literatura, história e texto**. São Paulo: Saraiva, 1997.

CÂNDIDO, Antônio; CASTELO, José Aderaldo. **Presença da Literatura brasileira: das origens ao realismo**. 8 ed. São Paulo: Difel, 1981.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manoela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Editora Global, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn00008.pdf>>. Acesso em: 04/06/2009.

MAFRA, Catharina. A obra prima do dia. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2007/10/28/a-obra-prima-do-dia-78324.asp>>.
Acesso em: 28/03/2014.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

QUEIRÓS, Eça de. Idealismo e realismo. In: Cartas inéditas de Fradique Mendes. Apud: SIMÕES, J. G; **Eça de Queirós**: trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

ROSENFELD, A.; GUINSBURG, J. Romantismo e classicismo. In: GUINSBURG, Jaco. (org). **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.